

## RÁDIO MEMORIALÍSTICA: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO MUSEAL DO PRESENCIAL AO VIRTUAL

Danira Morais Silva<sup>1</sup>  
Gerson Aquiles Mendes de Melo<sup>2</sup>  
Pamela Emilse Naumann Gorga<sup>3</sup>

**Resumo:** A pandemia da Covid-19 e o subsequente isolamento social levaram à suspensão temporária das atividades presenciais no Memorial Minas Gerais Vale (MMGV-Belo Horizonte). Perante essa situação, a equipe do Educativo enfrentou certos desafios, tais como continuar as atividades que versam na educação museal, sem deixar de lado os preceitos de acessibilidade previstos no nosso Plano Educativo. Inspirados em um projeto que visava transmitir o conhecimento histórico de forma acessível para um público mais abrangente, mediante todos os sentidos, exceto o visual, utilizamos as ferramentas oferecidas pelas mídias sociais para transformar essa ação presencial em uma ação virtual. Assim, a *Rádio Memorialística* surge como um podcast que convida seus ouvintes a uma imersão nos recortes cronológicos de quatro salas do museu e as correspondentes abordagens históricas e culturais de Minas Gerais. A partir desse trabalho, percebemos a necessidade de elaborar um material educativo - ainda em desenvolvimento - que auxiliasse o corpo docente na utilização dos programas da referida rádio em sala de aula. Como consequência desse processo, ressaltamos a importância de o museu adotar uma política de acessibilidade, sensibilizando-se das necessidades dos seus públicos, como também tecer pontes com as escolas, o público que mais frequenta o espaço.

**Palavras-chave:** Educação museal. Acessibilidade. Radionovela.

### Despertando os sentidos: o nosso caminho até a rádio

Assim como o nosso museu, várias das nossas ações têm sua própria história. Uma história com várias etapas que, por sua vez, exemplificam os diversos processos de

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Sociais (PPGCSO/UFJF), com graduação em Ciências Sociais - UFMG. Atua como educadora no Memorial Minas Gerais Vale.

<sup>2</sup> Mestre em Artes pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG e licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Atua como educador bilíngue no Memorial Minas Gerais Vale.

<sup>3</sup> Licenciada em História pela FFYL/UBA, mestre e doutoranda na linha de pesquisa História e Culturas Políticas do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, com ênfase em História Medieval. Atua como educadora bilíngue no Memorial Minas Gerais Vale. E-mail: [pnaumanngorga@gmail.com](mailto:pnaumanngorga@gmail.com).

amadurecimento da equipe do Educativo perante a diversidade do nosso público, suas necessidades e especificidades. A ação que aqui queremos compartilhar foi pensada para um tempo em que ainda não se sabia o que significava a necessidade de ficarmos recolhidos, em distanciamento. Mas foi com a pandemia da Covid-19 e o desejo de continuar tendo contato com o nosso público que ela tomou forma. No entanto, para compreender melhor como foi essa passagem, começemos pelo início.

Em novembro de 2016, o Educativo participou do seminário “Acessibilidade Cultural para Pessoas com suas Diferenças”, proferido pela Dra. Viviane Sarraf. No decorrer de três encontros, deparamo-nos com a realidade de muitas pessoas que ainda buscam garantir seus direitos em meio a uma sociedade que nem sempre se caracteriza como acolhedora das diferenças e, entre esses direitos, estão aqueles relativos à usufruição cultural.

Ora, quando se pensa na temática “acessibilidade”, uma das primeiras questões que vêm à tona refere-se à adaptabilidade e à mudança espaciais para pessoas com deficiência. No entanto, o seminário mencionado anteriormente nos demonstrou que a acessibilidade vai muito além de barreiras físicas. Certamente, pensar e executar o mobiliário e os elementos arquitetônicos de um museu segundo os princípios do “Desenho Universal”, elaborado pelo arquiteto americano Ron Mace (SARRAF, 2013, p. 63-66), é essencial, todavia, não o torna por si um espaço cultural inclusivo. Para tal fim, resulta necessária uma mudança atitudinal, assim como comunicacional: por um lado, investir na capacitação de toda a equipe na conscientização das peculiaridades dos visitantes com deficiência e na sua recepção como público frequente; por outro, repensar na linguagem utilizada para comunicar o conteúdo do espaço. Por conseguinte, o conceito de acessibilidade atravessa quatro esferas: o físico, o intelectual, o cognitivo e o atitudinal (SARRAF, 2013, p. 59).

Nesse sentido, podemos entender o conceito de Acessibilidade Cultural, tanto em espaços públicos quanto privados, que oferecem eventos como “exposições, espetáculos, audiovisual, cursos, oficinas”, entre outros, como “um conjunto de adequações, medidas e atitudes que proporcionem bem-estar, acolhimento e acesso à fruição cultural para pessoas com deficiência” (LOURENÇO et al., 2016 p. 93). Contudo, o benefício de adotar uma política de acessibilidade dessa natureza não apenas atinge “pessoas com deficiências físicas, sensoriais e cognitivas, como também todas as pessoas consideradas como públicos

diferenciados nos espaços culturais: idosos, famílias com crianças e adolescentes, população de baixa renda e em situações sociais desfavorecidas” (SARRAF, 2013, p. 48).

No caminho de repensar nossas ações, assim como as linguagens nelas utilizadas, precisamos examinar um obstáculo que não pode passar despercebido. A cultura ocidental moderna explora em demasia a circulação e o acesso à informação por meio de fontes visuais em detrimento dos demais sentidos<sup>4</sup>, um fato que impacta, diretamente, no alcance da mesma. Por conseguinte, oferecer experiências sinestésicas e holísticas amplia consideravelmente o leque de possibilidades de usufruição para mais e diversos públicos e, à vista disso, as visitas mediadas realizadas pelos membros do Educativo têm adotado a “comunicação sensorial como estratégia de mediação acessível” (SARRAF, 2013, p. 50)<sup>5</sup>.

Assim, possibilidades de mediação que considerem outros sentidos além do visual tornam-se oportunidades mais didáticas de acessar à informação e, ao mesmo tempo, experiências concretas de aprendizagem nas quais o conhecimento que possa ser adquirido pelo público, quaisquer que sejam as características, é apreendido de forma mais significativa. Ancorados na tese de Amanda Tojal, consideramos que “as experiências perceptivas desenvolvidas segundo a abordagem multissensorial possibilitam melhor compreensão da realidade, bem como das representações humanas e do meio ambiente, da mesma forma que exercitam e estimulam as potencialidades perceptivas de pessoas com ou sem deficiências e amplia as capacidades de reconhecimento e apreensão do mundo (...)” (TOJAL, 2007, p. 104).

Dessa forma, em 2018, formulamos uma visita mediada a partir de uma abordagem e linguagem inclusivas. Intitulada *Os caminhos para Belo Horizonte: Sons, cheiros e texturas*, a mesma buscava reconstruir os históricos caminhos de Minas Gerais, desde a chegada dos bandeirantes e o desbravamento do território que configuraria a subsequente capitania até a fundação e os primeiros anos da nova capital mineira. Assim, foram selecionadas quatro salas, não apenas por representarem momentos ícones dessa construção, mas também por possuírem recursos que possibilitam uma aproximação sensorial. Localizadas no segundo pavimento do

---

<sup>4</sup> A visão é o sentido mais explorado nas exposições e este fato contribui para a formação de uma barreira de comunicação com o visitante que impede a interatividade, uma das principais demandas das pessoas em relação aos museus. É possível observar as pessoas visitando as exposições sem se envolverem com o conteúdo apresentado, como consumidores em frente à vitrine de uma loja, tudo o que veem parece igual e distante da sua realidade. (SARRAF, 2013, p. 28).

<sup>5</sup> “Espaços que respeitam a diversidade, proporcionam acolhimento, oferecem recursos para facilitar a permanência dos visitantes em suas dependências, além de maneiras facilitadas de acessar a informação e conteúdos culturais tornam-se mais atrativos para todos seus frequentadores” (SARRAF, 2015, p. 223).



Liberdade e da Lagoa da Pampulha, com as quais entravam em contato segundo o decorrer da narração. Cartas, fichas, luvas de seda e colares ajudavam a contar a vida cosmopolita da cidade moderna que uma vez abrigou um cassino. Ao falar das Minas setecentistas e oitocentistas, os visitantes podiam tatear figurinos e adereços da época e, assim, as rendas, os chapéus e os casacos tornavam o relato sobre o Barroco ainda mais real; assim como bichos de borracha e pequenas buchas vegetais chegavam a dar certa repulsa quando escutavam-se os périplos da época da exploração das terras que, posteriormente, seriam a Capitania de Minas Gerais.

Com a chegada da pandemia da Covid-19, desde meados de março de 2020, o Memorial Minas Gerais Vale (MMGV) fechou suas portas com o objetivo de conter o avanço da doença. Perante esse contexto, e o conseqüente isolamento social, a equipe do Educativo enfrentou o desafio de reinventar-se: repensou suas atividades e realizou adaptações segundo os formatos e as ferramentas que as mídias sociais ofereciam no intuito de não perder o contato com o público. Assim, a ação *Os caminhos para Belo Horizonte: Sons, cheiros e texturas* foi resgatada e adaptada às atuais necessidades.

Inspirados nas antigas radionovelas, transformamos as narrativas que compunham as visitas a cada uma das salas em quatro episódios do tipo “podcast”. No entanto, achamos interessante inseri-las em um formato maior que pudesse alinhar o projeto como um todo. Dessa forma, surgiu a ideia de criar um programa de rádio que, ao mesmo tempo, possuísse diferentes blocos, tais como: notícias do território brasileiro e “internacionais”, “fofocas”, arte e propagandas, dando ênfase, principalmente, ao protagonismo de vozes tradicionalmente silenciadas, como as mulheres e os/as afro-brasileiros/as. Por conseguinte, criou-se um formato que teve um elo temático, cujo tom foi dado pelo apresentador do programa, Eptácio Temporão. Como também teórico: as diversas mineiridades como contempladas por José Murilo de Carvalho (CARVALHO, 2005) atravessaram o conteúdo, o que nos permitiu, por um lado, explorar diversas características dos habitantes de Minas Gerais e, por outro, refletir a “mineiridade” como sentimento de pertencimento, questionando uma identidade supostamente essencial (NAUMANN GORGA, RODRIGUES, 2020). Em definitivo, a ação *Rádio Memorialística* transformou-se em um podcast que buscou ativar no público as suas memórias afetivas e sua relação com o passado.

### ***A Rádio Memorialística***

No cotidiano do nosso trabalho no Educativo MMGV buscamos sempre um encontro crítico com a expografia do museu, colocando em perspectiva junto aos visitantes, quando em visitas mediadas, os elementos dessa expografia e seus temas. Esse exercício de colocar em jogo assuntos como a colonização em Minas Gerais, a ocupação feita pelos colonizadores, sua cultura impressa na arquitetura das cidades coloniais, bem como de problematizar as ausências nessa história e os produtos culturais delas, é o motor das investigações do setor que, ao longo dos anos, tem algum volume de produção sobre o assunto.

Os *percursos temáticos* são recortes que permitem falar de uma confluência de temas existentes nas salas do MMGV, colocando-os em perspectiva e apresentando possibilidades de discutir com os visitantes questões transversais a esses temas, como gênero, identidades e étnico-raciais. Na mesma esteira desse trabalho se desenvolveu ainda o *Africanidades Itinerante*, que teve como base o eixo *Africanidades e Memória*, que visa trazer os matizes e as influências da cultura de matriz africana em Minas Gerais, bem como problematizar conceitos distorcidos sobre tudo o que está implicado nessa cultura, como a religiosidade, pautando assim o tema do racismo contra a população negra no Brasil (BEDETTI, 2021). O itinerante *Mineiridades* segue a trilha dos percursos, que através das reflexões e estudos propõe pensar as exposições e o conceito do MMGV, desta vez colocando em jogo uma suposta unidade da identidade mineira. Esse trabalho ainda rendeu um debate que se encontra registrado na publicação do *Mirabilia em carro de boi: tecendo identidades no MMGV* (2020), que discute mais a fundo as identidades e a própria mineiridade. De certa forma, todo esse caldo de cultura proporcionou que se criasse mais uma produção inspirada por toda essa experiência de estudos e práticas de mediação compartilhadas no Educativo do MMGV.

Partimos das inquietações que perpassam o nosso fazer para trabalhar de modo amplo a história do território que hoje denominamos de Minas Gerais, durante os séculos XVII, XVIII, XIX e início do XX. A princípio, o meio que escolhemos foi uma viagem no tempo: ao estilo das radionovelas antigas, quatro narrativas dramatizadas passam por lugares-tempos diferentes ao longo desses recortes temporais. Para dar uma maior coesão ao projeto, a narrativa dessa viagem é emoldurada por um programa de rádio apresentado pelo personagem Epitácio Temporão, que apresenta e comenta os blocos com notícias, fofocas, amenidades e comerciais. Até o momento, a *Rádio Memorialística* conta com quatro episódios, sendo que

cada um deles possui como recorte um período de tempo específico em que foram escolhidos contextos desse território que chamamos de Minas Gerais.

No primeiro deles, intitulado *Os primórdios*, temos as expedições feitas pelos que vinham trabalhar nos empreendimentos da mineração de ouro na região central de Minas no século XVIII. O que se propõe na narrativa é mesmo uma viagem saindo do porto do Rio de Janeiro, passando por uns primeiros esboços de arraiais à beira dos caminhos até as jazidas de minério. No segundo episódio, denominado *Entre sinos e pedras*, propomos flamar por uma dessas vilas do ciclo do ouro da capitania mineira. Falamos de manifestações culturais enquanto resistências e imaginamos como deveria ser o cotidiano nesse período nessas cidades. No terceiro episódio, isto é, *Na lavoura*, valemo-nos de uma crítica sobre a mudança na paisagem trazida pelos empreendimentos econômicos frenéticos até os fins do século XVIII em Minas Gerais, devido, principalmente, à queda da mineração de aluvião. A mudança do foco dos poderes hegemônicos dos centros urbanos para o nascimento de uma elite agrária que viria a se fortalecer no século seguinte. Por fim, o quarto episódio culmina na construção da nova capital do estado no final do século XIX e início do século XX. Por um lado, *Horizontes de Concreto* traz aspectos da narrativa - em um sentido agora não do formato, mas em um sentido de discurso -, falando da criação dessa cidade que leva consigo muitos signos da República, instaurada em 1889; e, por outro, coloca em jogo as desapropriações e apagamentos de outros coletivos e seu modo de viver no lugar onde foi implantado tão ambicioso projeto.

Nesse sentido, nossa pesquisa foi em direção de ambientar uma narrativa nas Minas desses séculos supracitados, pautando-se nas fontes disponíveis e a partir dela dando o enquadramento e o foco em questões de interesse, baseando-nos em pesquisas mais recentes. Já para o programa com seus blocos, ampliamos o olhar para os fatos do século correspondente do episódio, não nos restringindo aos contextos do território mineiro, nem mesmo ao Brasil. Esse movimento faz as narrativas se situarem em seu tempo correspondente. Nesse sentido, os eixos norteadores dos episódios são o espaço de tempo de um século.

A pesquisa contou sobretudo com as descrições encontradas em relatos de viajantes naturalistas, que ainda que sejam mais abundantes no século XIX (CARVALHO, 2011; SAINT-HILAIRE, 2000), esses mesmos registros possuem informações históricas sobre os

período anteriores, de modo que nos baseamos aí para reconstruir as descrições dos lugares. A nossa busca nesse momento foi convidar o ouvinte a imaginar conosco, a partir da leitura que fazemos dessas fontes, como seriam esses lugares. Como seria o porto do Rio de Janeiro no século XVIII? Essa, por exemplo, é a inquietação de partida da nossa primeira narrativa.

Mas não somente fontes, como dados presentes em pesquisas que reconstróem e problematizam olhares mais canônicos ou mesmo mais difundidos no senso comum. A partir delas, buscamos trazer um caráter polifônico sob a perspectiva de atores diversos que viveram naquele tempo.

A montagem dos episódios incluiu uma pesquisa sobre Minas Gerais em tempos diferentes e quais elementos descritivos dessas paisagens poderíamos encontrar sem esquecer do tom que gostaríamos de imprimir em cada narrativa, levando em conta provocações para além da contemplação e do convite à imaginação. Afinal, o nosso trabalho contou com uma boa dose de imaginação, pois recriar lugares em tempos em que nunca estivemos demandou nos deixar levar em um certo devaneio junto às fontes e trabalhos das áreas de história, arquitetura, antropologia, geografia. Por vezes, visualizamos alguns desses lugares imaginando como eram antes, para outros sabemos que isso é impossível, tamanha a intervenção na paisagem ao longo dos anos.

É importante lembrar que, bem como a concepção baseada no lastro do trabalho que vem sendo desenvolvido por anos a fio pelo Educativo do MMGV, essa ação envolveu vários de nossos colegas em etapas diferentes do processo. Em um deles veio a construção do apresentador da rádio, Eptácio Temporão, interpretado pelo ator-educador Angelo Dias. O personagem é quem dá o tom - com seus comentários - e faz o elo das programações da rádio e da narrativa. Esse personagem vai comentar dando tempo para o ouvinte se situar nos eventos históricos e temas que vão sendo apresentados, como por exemplo, as movimentações insurgentes na América Latina no século XIX.

A imersão na narrativa teve investimento em uma pesquisa para fazer a descrição, como comentamos, mas também em uma série de elementos que transportassem o ouvinte para dentro das emoções e sensações presentes na narrativa. Assim, ancorados no conceito *soundscape* (“paisagem sonora”), acunhado por Raymond Murray Schafer, o qual trabalha com diversos campos acústicos, tais como uma composição musical, um programa de rádio ou um ambiente acústico (MURRAY, 1997, p. 23), realizamos uma certa “curadoria sonora”.

Dessa forma, não apenas contemplamos as melodias dos períodos abordados, mas também os sons que despontam, por exemplo, ao pensar em um cenário de natureza virgem, no qual a flora e a fauna são as protagonistas; ou em um porto agitado, onde o vaivém de mercadorias e pessoas parecia esmagador; ou em uma vila colonial que mistura paralelepípedos e ruas lamacentas; ou em contexto urbano moderno em transição, onde o bonde e o carro misturam-se, ainda, com algumas carruagens. A intenção foi trazer o efeito sinestésico a partir da reprodução de uma paisagem sonora junto à narrativa, para que o ouvinte acompanhasse como se fossem seus próprios passos a tocar o solo do nosso cenário memorialístico.



Cartazes dos quatro episódios da *Rádio Memorialística*.

Ainda, o processo de criação da *Rádio Memorialística* envolveu uma produção gráfica própria: um encarte foi desenvolvido por um dos educadores, para cada um dos episódios a partir dos temas por eles abordados. Apesar da paleta de cores escolhida ser específica a cada um dos cartazes, buscou-se uma unidade para obter, assim, uma identidade visual afim ao projeto da rádio. Dessa forma, nos quatro casos, certos elementos representativos foram distribuídos em uma moldura que abraça o número e o título do episódio no centro. Os elementos visuais mobilizados remetem diretamente às narrativas, muito mais que as programações adjacentes. Esses elementos podem ser explorados tendo em vista que trazem figuras caricatas dos lugares e momentos aos quais cada narrativa remete. De modo que a identificação seja mesmo intuitiva e, por isso também, acessível.

Ao final dessa empreitada, colocamos em jogo as possibilidades desse material criado pelo Educativo, tendo em vista, não somente, mas sobretudo, o público escolar com as atividades, então, completamente remotas. Pensamos em como fornecer, com o devido cuidado, pensando nas peculiaridades de currículo e tempo disponíveis em sala de aula, ainda que virtuais.

### **Viajando nas ondas do tempo: o material educativo da *Rádio Memorialística***

A proposta de criação de um material voltado para a educação básica surgiu de uma inquietação durante o processo de produção da *Rádio Memorialística*. Afinal, como seria utilizado em sala de aula? Há alguns aspectos peculiares, sobretudo pelo formato de imersão sensorial que a radionovela proporciona ao ouvinte. A princípio, pensamos em criar algumas orientações para a aplicação dos episódios, que seriam mais abertas, que apontariam caminhos provocadores nesse processo de escuta, assim como envolvessem os conceitos e os conteúdos históricos, sociais, políticos, geográficos, entre outros, que são abordados nas narrativas.

De certo, a partir do material da radionovela é possível que o corpo docente consiga estabelecer diversas discussões e aplicações em sala de aula. O desafio seria apontar possibilidades em que objetivos específicos traçados por nós fossem alcançados, estes que apresentam extrema relevância desde o processo de pré-produção da radionovela, que são de domínio de seus criadores. Martha Marandino e um grupo de pesquisadores discorrem que:

Ao preparar uma atividade, ou um produto, para uma ação de cunho educativo, o educador partirá não somente do que ele traz de bagagem de sua formação específica, mas lançará mão de todos os elementos que envolvem o

seu trabalho: as ideias do grupo, a experiência com o visitante, a leitura e os textos partilhados, os documentos produzidos, o vocabulário e os jargões da área, assim como a sua vivência com os membros do círculo do que faz parte (BAILEY, 2003); [...]. Esse conjunto de fatores, criado em certas condições institucionais, propicia a emergência de uma maneira própria de conceber materiais que é tipicamente de cada grupo – e que necessariamente irá atuar diretamente no modo de ser do educador (2016, p.16).

Nosso material educativo tem um formato distinto dos materiais produzidos especificamente para a sala de aula, uma vez que sempre há testes que propõem a verificação e validação dos conteúdos abordados. Quando educadores de museus criam ações educativas, geralmente há uma preocupação com a abordagem ao grupo, seja ele escolar ou não, para provocar o engajamento, a experiência e o conhecimento. A expertise que é retroalimentada a cada contato com o visitante nos conduz a repensar e recriar nossas ações, levando em consideração os erros e os acertos. A *Rádio Memorialística* parte do pressuposto da sensorialidade, já o *Viajando nas ondas do tempo* entende o processo de escuta como algo essencial, que dialogará com as discussões críticas e o fazer.

Ao se pensar em um material educativo voltado para a educação formal, faz-se necessário adequar-se ao ambiente de educação que estamos adentrando. Sendo assim, o documento norteador foi a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, tendo em vista que atualmente é o documento que indica as habilidades e as competências a serem desenvolvidas ao longo da trajetória dos estudantes na educação básica.

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013), mostrando-se também alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) (2018, p.8).

Logo, a BNCC foi revisitada para identificar quais habilidades poderiam ser desenvolvidas por meio das propostas do material educativo. Tentamos abarcar o maior número de componentes curriculares possíveis, tanto do Ensino Fundamental nos anos finais, quanto do Ensino Médio. São elas: Língua portuguesa, Arte, Língua inglesa, Ciências, Linguagens e suas tecnologias no Ensino Médio, Geografia, Ciências humanas e sociais

aplicadas no Ensino Médio. Tem se afirmado uma relação dialógica na educação museal, logo, estimulamos a interdisciplinaridade entre as áreas para potencializar as discussões. Há propostas que possuem quantidades variadas de encontros, pois isso possibilita que aquele que tenha um número pequeno de aulas por semana, como Arte, ou o que possua um número maior de aulas como Língua Portuguesa também possam aplicar o material como foi pensado de maneira colaborativa.

Outro aspecto relevante trata do processo de aplicação do material, pois ao inserirmos pranchas com imagens levamos em consideração a realidade da educação pública no Brasil, na qual há escassez de projetores de imagem e internet de baixa qualidade. Houve um cuidado ao apresentar um leque de possibilidades, assim como pensar nas possíveis adaptações que o docente pode aplicar, seja ele em relação à duração das atividades ou a qualquer outro procedimento indicado que requer material não disponível na escola. Por isso, o material possui suporte para que ele seja autossuficiente e viabilize a sua aplicação em diversos contextos escolares.

Ao se falar do material *Viajando nas ondas do tempo*, é importante entender sua estrutura, que possui sete divisões, a saber: 1) carta para o corpo docente; 2) apresentação da Rádio Memorialística e seus episódios; 3) introdução aos conceitos que fazem parte da estruturação da Rádio Memorialística; 4) acessibilidade; 5) textos complementares com provocações; 6) pensando em práticas; e 7) anexos com pranchas, cartazes e transcrição das narrações dos episódios.

Especificamente na seção *Pensando em práticas*, apresentamos: a indicação do episódio, quando necessário; a habilidade da BNCC a ser desenvolvida, os objetivos da ação educativa; materiais a serem utilizados; os procedimentos e o momento para refletir. Até o momento desenvolvemos 15 práticas, que possuem a orientação de desenvolvimento entre uma e sete aulas. A curadoria educativa baseada na *Rádio Memorialística* torna-se um desafio, sobretudo pelo fato de não ser colocada em teste antes de sua publicação, mas planejamos fazer um rastreamento para identificar êxitos e possíveis modificações, a partir de nosso conhecimento adquirido nos diálogos com nossos públicos.

## **O museu de portas para fora: viajando nas ondas do tempo... e da internet**

No decorrer do presente artigo conseguimos apreciar as várias etapas de amadurecimento que significaram uma ação educativa museal como a que foi apresentada. Aquilo que começou como uma visita ao espaço mediada e acessível acabou transformando-se em um projeto de trabalho remoto para atingir o público com o qual não estávamos tendo contato físico.

Consistentes com a proposta inicial, a *Rádio Memorialística* buscou abraçar a maior quantidade de públicos possíveis. Dessa forma, o trabalho remoto não nos impossibilitou de continuar nos aprofundando com a nossa política de acessibilidade. Uma vez que era a primeira oportunidade em que o MMGV propunha uma abordagem educativa a distância, valemo-nos de outros exemplos como inspiração, tal como o projeto *Revivendo Memórias* do Educativo do Museu do Futebol, que fica no estádio do Pacaembu, em São Paulo. Trata-se de uma parceria com profissionais do Hospital das Clínicas, inicialmente, fazendo visitas com idosos com Alzheimer, com o objetivo de estimular as memórias afetivas dos visitantes com os assuntos relacionados ao futebol. Durante a pandemia, o projeto foi adaptado, sendo estendido para atender idosos com e sem Alzheimer de maneira remota.

Paralelamente, o desenvolvimento dessa iniciativa elucidou a importância de um dos pilares de todo espaço museal, ou seja: a pesquisa. Nessa missão, destacamos o trabalho dos membros do Educativo: tendo como ponto de partida a expografia do museu, suas indagações acabam não apenas por extrapolá-la, mas também a tencionam levando em conta as vozes silenciadas e trazendo, assim, outros matizes. Como fruto desses vários exercícios, outras narrativas foram criadas.

Por último, resgatamos o valor do museu em seu diálogo com um dos seus principais públicos: o escolar<sup>7</sup>. Embora haja muitas correlações entre ambos os espaços, as suas naturezas estão determinadas por objetivos diferentes: uma experiência museal não se restringe à matéria de uma ou outra disciplina; embora possa completar os conteúdos curriculares, a visita ao museu pode ir muito além.

---

<sup>7</sup> “Os serviços educativos das instituições culturais brasileiras e estrangeiras têm como um de seus principais públicos habituais as escolas. Essa instituição, por suas características estruturais, tem nas atividades culturais extra-classe uma demanda constante. As ações delineadas para essa tipologia de público pressupõem o trabalho em parceria, respeitando as especificidades educacionais de ambas instituições – o museu e as escolas” (MARANDINO, 2008, p. 24).

“Um dos públicos mais significativos nas visitas aos museus, em todo o mundo, é o escolar, seja pela quantidade, seja pelas ações organizadas para atendê-lo. No Brasil, pesquisas mostram que, na maioria das vezes, é somente por meio da escola que crianças e jovens das classes em desvantagens econômicas visitam as instituições culturais (CAZELLI, 2005)” (MARANDINO, 2008, p. 25).

A decisão de entrar num museu corresponde à disponibilidade para aceder a um conjunto de informação e de recursos únicos. Importa, pois, compreender as potencialidades dos espaços de museu, enquanto palcos de aprendizagem e interpretação ativos, que podem proporcionar uma experiência lúdica e conduzir na descoberta de novas temáticas. (HORTAS, HORTAS, 2015, p. 333).

Dessa forma, uma vez que os recortes e as narrativas dentro do MMGV não se balizam pelas metas de uma trajetória de escolarização específica, esse jogo de cintura maior permite-nos criar um roteiro mais versátil e com certas licenças poéticas, uma metodologia que conseguimos transpor para o projeto aqui apresentado. Consequentemente, o material educativo criado a partir da *Rádio Memorialística* foi pensado como uma ponte entre essas duas esferas de conhecimento, formal e não formal. Noutros termos, *Viajando nas ondas do tempo* tornou-se as lentes mediante as quais lemos a BNCC em diálogo com cada um dos episódios, assim como do projeto da rádio como um todo.

Em resumo, a impelida experiência do trabalho remoto vivida pelos espaços culturais, como consequência da pandemia iniciada no começo de 2020, deixa um legado, pode-se dizer, assim, construtivo e esperançoso. O exercício de adaptação que significou esse contexto, no caso do Educativo do MMGV, levou-nos a enxergar outras possibilidades de mediação que pudessem atingir um público maior, uma vez que essas ações podem chegar a pessoas que estão distantes e, portanto, sem possibilidade de estarem pessoalmente no espaço físico do museu. Então, uma experiência virtual consegue substituir uma vivência física no museu? Acreditamos que não, mas, certamente, podem ser práticas complementares.

## Referências

- BEDETTI, Henrique. O “Memorial Itinerante – Africanidades” representatividades diaspóricas numa experiência ibero-americana de educação museal pelas estradas de Minas Gerais. **Cadernos CEOM**. Políticas e práticas de Educação em museus ibero-americanos. 2021 p.171 - 182.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_ver\\_saofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_ver_saofinal_site.pdf). Acesso em: 23 set. 2021.
- CARVALHO, José Murilo. Ouro, Terra e Ferro: Vozes de Minas. In: GOMES, Angela Maria de Castro (org.). **Minas e os fundamentos do Brasil moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- CARVALHO, Francisco de Assis. A Memória toponímica da Estrada Real e os escritos dos viajantes naturalistas dos séculos XVIII e XIX. **Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica**. Paraty, 10 a 13 de maio de 2011.

- DE MELO, Gerson Aquiles M.; NAUMANN GORGA, Pamela E.; SILVA, Danira M. **Viajando nas ondas do tempo.** Material Educativo Rádio Memorialística. Belo Horizonte: Memorial Minas Gerais Vale, 2021.(no prelo)
- HORTAS, Joana B. HORTAS, Maria João B. Museus, um lugar possível na educação não formal – a experiência do grupo Faz 15-25. **Atas do VII Encontro do CIED – II Encontro Internacional, Estética e Arte em Educação.** 2015. p. 333 - p.347. Disponível em [https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/12057/1/Museus%2C%20um%20lugar%20poss%C3%ADvel%20naeduca%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20formalatas\\_vii\\_enc.cied.pdf](https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/12057/1/Museus%2C%20um%20lugar%20poss%C3%ADvel%20naeduca%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20formalatas_vii_enc.cied.pdf) Acesso em: set. de 2021.
- LOURENÇO, Marcia et al. Estudo exploratório sobre o acesso aos museus da Universidade de São Paulo. **Revista Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio | MAST.** vol.9, no 1, 2016 p. 91 - p.113. Disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/395/479> Acesso em: set. de 2021.
- MARANDINO, Martha et al. **A educação em museu e os materiais educativos.** São Paulo: GEENP USP, 2016. Disponível: em: <http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2016/08/A-Educação-em-Museus-e-os-Materiais-Educativos.pdf>. Acesso em: 18 set. 2021.
- MARANDINO, Martha (org.). **Educação em museus: a mediação em foco.** São Paulo, SP: Geenf / FEUSP, 2008.
- MURRAY, Shafer. **A afinação do mundo - Uma exploração pioneira da história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora.** Editora Unesp. São Paulo. 2001. p. 9 - 381.
- MUSEU DO FUTEBOL. **Revivendo Memórias.** 2020 Disponível em <https://museudofutebol.org.br/ acessibilidade/revivendo-memorias/> Acesso em: set. de 2021.
- NAUMANN GORGA, Pamela E.; RODRIGUES, Smally G. **Mirabilia em carro de Boi:** tecendo identidades no Memorial Minas Gerais Vale. Belo Horizonte: Memorial Minas Gerais Vale, 2020.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais.** Editora Itatiaia Ltda, Belo Horizonte, 2000.
- SARRAF, Viviane Panelli. **Reabilitação do Museu: políticas de inclusão cultural por meio da acessibilidade.** Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciência da Informação/Escola de Comunicações e Artes/USP, 2008.
- \_\_\_\_\_, Viviane Panelli. **A comunicação dos sentidos nos espaços culturais brasileiros: estratégias de mediações e acessibilidade para as pessoas com suas diferenças.** Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
- \_\_\_\_\_, Viviane Panelli. **Acessibilidade em Espaços Culturais: mediação e comunicação sensorial.** São Paulo: EDUC – FAPESP, 2015.
- \_\_\_\_\_, Viviane Panelli. Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência – Benefícios para todos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação.** n 6. Jun. 2018 p. 23 - p. 43 Disponível em <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/d1209a56/acb3/4bc1/92cc/183d6c085449.pdf> Acesso em: set. de 2021.
- TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. **Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus.** Tese (doutorado), orientadora Maria Helena Pires Martins, São Paulo, 2007.